

Fator Humano no Sucesso dos Negócios

O vigésimo congresso IBGC – Instituto Brasileiro de Governança Corporativa, realizado em setembro/2019, teve como tema o fator humano na governança corporativa. Assunto tão profundo e de tamanha relevância me fez trazer algo daquele congresso para aqui compartilhar.

Cabe um agradecimento às pessoas, palestrantes, painelistas e organizadores, que trouxeram suas contribuições para tão rico debate. Uma homenagem especial ao Lélío Lauretti, que deu um tom incrível ao debate, falando de ética, amor e governança.

Contexto

Para começar, vejamos alguns aspectos de nossos dias como pano de fundo para o debate do fator humano na governança corporativa.

Um primeiro ponto, a desintermediação das relações, provocada em grande medida pela digitalização dos negócios, retirou vários elos das cadeias de atendimento às necessidades humanas. Por esse e por outros fatores, os especialistas apontam para a eliminação de muitas vagas de trabalho em todo o planeta e o senso comum já percebeu este movimento.

Entretanto, muitos desses especialistas não hesitam em afirmar que tantas outras oportunidades surgem e surgirão em função da nova realidade que se apresenta.

Um segundo ponto, as novas tecnologias destruíram a privacidade dos malfeitores – a corrupção em todo o mundo sofre com o fim do sigilo e com a drástica redução do papel moeda em circulação. Felizmente para nós profissionais da governança corporativa, o mundo digital expôs tudo e todos e tem contribuído decisivamente para o aprimoramento da transparência nas relações – um dos princípios da boa governança.

Enfim, a velha cumplicidade se mostra cada vez menos confiável!

Talvez isso possa pautar comportamentos mais éticos nos negócios – aqueles que “tentavam encurtar o caminho para o sucesso”, muito provavelmente terão que lidar com mais concorrência e mais comportamento igualitário. A conferir!

O terceiro ponto é o maior ativismo por parte dos eleitores. Um dos princípios da governança – a prestação de contas – vem sendo mais exigida por aqueles que pagam as contas e colocam os gestores políticos em suas cadeiras. Ficou um pouco mais fácil monitorar os políticos e os gestores públicos através das mídias sociais, que têm mostrado sua força em todo o mundo.

O quarto ponto é um dilema deste início de milênio: irão prevalecer as enormes conquistas do século XX ou iremos postergar suas mazelas? Serão perpetuados os ganhos no comportamento ético, as benesses da globalização, as conquistas da maior longevidade e o ativismo da opinião pública? Ou continuaremos desperdiçando alimentos e desperdiçando recursos com armamentos inúteis, matando pelo vil metal, enquanto milhões de pessoas continuam passando fome? Ou, ainda pior: será que sucumbiremos em uma guerra nuclear?

Um quinto ponto - seria ético de nossa parte continuar ganhando produtividade através da tecnologia e, como consequência disso, continuar jogando as pessoas para a margem da vida, sem emprego, sem educação, sem alimentação? De que fatores humanos estamos falando – dos mesmos que desenvolvem tecnologias capazes de coisas antes impensáveis e sequer contribuem para o combate à fome e à pobreza? Segundo a ONU, o mundo ainda tem mais de 800 milhões de pessoas passando fome.

Sem contar a falta do acesso mínimo à educação ou a precariedade da educação, cujo nível, em muitas das vezes, é insuficiente para compreender as tecnologias emergentes e usufruir de seus benefícios.

Neste contexto de um mundo maravilhoso e progressista, mas em grande parte desconectado da verdadeira essência dos negócios – o de prover soluções aos problemas dos outros e colher os frutos correspondentes – se encontra o momento oportuno do vigésimo congresso do IBGC: debater a importância do fator humano na governança dos negócios.

Os desafios do século XXI

Em minha opinião, um dos grandes desafios é acreditar em dias melhores e confiar que o melhor irá prevalecer. Assim como na parábola do semeador, quando apenas uma parte das sementes geraram frutos, não podemos achar que estamos semeando nas pedras. Cabe a cada um de nós:

1. Divulgar as coisas boas que nos cercam. Se tanto reclamamos que somente más notícias dão audiência, temos que ser perseverantes na divulgação das coisas boas – seja na família, com os amigos, nas comunidades com as quais nos relacionamos ou no ambiente empresarial.
2. Reconhecer que pessoas não são estatísticas e que cada vida perdida, cada ser que sofre – pela fome, criminalidade ou outras mazelas – tem uma dor única e pode ser evitada.
3. Nenhuma conivência com o desperdício – da produção de alimentos à mesa, do mau uso dos recursos públicos aos gastos desnecessários.
4. Preservar a vida, o planeta, os seres humanos. Talvez aqui entre um dos maiores desafios, acreditar e continuar investindo na educação, especialmente na educação dos adultos.
5. Acreditar na transformação do trabalho – se as vagas convencionais irão desaparecer, o que faremos nós para continuarmos úteis, empregáveis, humanizados? E o que podemos fazer para levar o mesmo a nossos pares?
6. Acreditar na felicidade do gênero humano – mesmo que às vezes, pareça utopia.

O fator humano

Um dos aspectos fortemente debatido no congresso foi a questão ética. Trezentos anos antes de Cristo, Aristóteles já relacionava a ética à felicidade humana. Mais recentemente, vários pensadores preconizam que a ética surge quando o outro emerge diante de nós.

O comportamento ético nos negócios é um dos principais pilares a ser construído e preservado. E cabe salientar que o comportamento ético vai além do respeito às normas e valores, envolvendo, também, a construção de um ambiente de trabalho saudável entre os pares, o relacionamento entre sócios, a equidade no tratamento dos stakeholders e o respeito à livre concorrência.

Sidney José Severini Júnior

www.severini.com.br | sidney@severini.com.br

Telefone: 35 991420267

E quando se fala em equidade, fala-se ainda de amor – amor próprio e amor ao próximo. E, nesse contexto, cabe-nos entender o gênero humano do século XXI como um ser que deseja ser partícipe de experiências. Em contraponto à sociedade de consumo, talvez um dos maiores marcos do capitalismo do século XX, as pessoas estão substituindo o “ter bens” por viver a experiência. Mas o que importa neste aspecto é a lição da equidade: dar a minha parcela de contribuição para que, também, o outro possa viver as experiências desejadas por si mesmo - a lição do amor ao próximo! Ninguém contesta que estas são iniciativas de benefício mútuo, crescente e progressivo.

Outro tema abordado no congresso IBGC foi o poder do diálogo franco e aberto. Tania Almeida nos apresenta que o diálogo não tem contraindicação, mas alerta que, no mundo atual, também nossas ideias são perecíveis e todo diálogo deve ser iniciado com a prerrogativa de que preciso permitir que minhas ideias sejam contagiadas pelas ideias dos outros – “estar aberto ao que o outro me oferece de novo”. Além da noção de amor expressa nessa afirmação de abertura ao outro, há um valor implícito de aprendizado coletivo – a arte de pensar e crescer juntos. Evidentemente, nesse contexto, há de se aprimorar as habilidades socioemocionais e de se aprender a apreciar as diferenças para estabelecer esse progresso.

A comunicação aparece como um dos mais naturais processos humanos em contraponto com uma das principais fontes de desentendimento. Nosso cérebro é formatado para viver em sociedade, mas não conseguimos perceber e processar todas informações a que estamos expostos. Consequentemente, não podemos utilizá-las de forma efetiva. Transmitimos informações sem nos darmos conta se o que foi recebido pelo outro corresponde ao que desejávamos passar, defendemos com vigor nosso ponto de vista, sem nos dar conta de que este pode ser a vista de um só ponto e muitas das vezes, falta-nos humildade para ouvir a outra parte.

Assim, o novo patamar a ser alcançado é o de cada ser humano se autogerir na comunicação, tornando-se bom ouvinte e reconhecendo que nossa reação às coisas que ouvimos irá pautar a qualidade da comunicação – como afirmou um dos palestrantes, “eu não consigo decidir minha sensação aos estímulos que chegam a mim, mas posso decidir a reação que terei a eles”.

O papel dos líderes na construção de um mundo corporativo mais saudável

Analisando os impactos sobre as organizações, vemos enormes oportunidades de melhoria no relacionamento entre as pessoas, bem como um leque de possibilidades de aprimoramento individual.

Os líderes devem ser os catalizadores de um ambiente amigável, colaborativo e progressista.

Cabe a eles cuidar das relações entre as pessoas, estimular o contraditório, aprimorar sua capacidade (e a dos outros) de dar feedback, reconhecer o poder da diversidade e criar times inclusivos, e estimular o investimento nas habilidades humanas. Enfim, cabe ao líder tocar o coração e a mente das pessoas.

Por líderes, entendamos os empresários, conselheiros, diretores, gerentes e, também, aqueles que lideram ONGs, agentes governamentais e instituições sem fins lucrativos.

A definição de um propósito para as organizações é um passo chave. Mais que isso, a paixão pelo propósito fará as pessoas e organizações se moverem. Os estudiosos da área mostram que empresas que tem propósitos se perpetuam e pessoas que tem propósito prosperam. Cabe-nos incentivar o propósito das pessoas para que cada um possa vislumbrar suas oportunidades de prosperar.

Em um mundo em constante transformação e um ambiente empresarial tão desafiador não é realista considerar que os líderes estejam prontos para tudo isso. Os líderes de nossos dias, além de fazer uma leitura útil do ambiente e compreender as pessoas neste contexto, precisam desenvolver a habilidade de conhecer-se a si mesmo cada vez mais e profundamente.

E as empresas familiares

Não poderia finalizar este artigo sem fazer um especial agradecimento ao Sr. Jorge Nishimura, do Grupo Jacto, que apresentou um dos mais emocionantes depoimentos do congresso, e sem falar de uma de minhas paixões – o ambiente empresarial dos negócios familiares.

Falando sobre a complexidade da empresa familiar e do prazer de pertencer a uma delas, Sr. Jorge deixou importantes mensagens que fazem total conexão com tudo o que debatemos no congresso e que tentei resumir nas palavras acima. Dentre elas:

- 1) O amor é essencial para a prosperidade e, em um ambiente carregado por emoções como o da empresa familiar, o exercício do perdão é uma das partes mais importantes.
- 2) Para tomar decisões racionais e progressistas, acompanhar seus resultados e reformar as decisões quando necessário é preciso que o coração esteja pacificado.
- 3) Os membros da família empresária devem estabelecer um verdadeiro pacto pela unidade a fim de superar os desafios do binômio família-empresa.

Em suma, só falamos de pessoas!!!

Não é pouco! O trabalho pela frente é desafiador e gratificante!
Vamos juntos?